



4759 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
 GT15 - Educação Especial

A CONSTITUIÇÃO DE UMA VERDADE SOBRE A EDUCAÇÃO DE SURDOS: UMA APROXIMAÇÃO AOS DOCUMENTOS DO CONGRESSO DE MILÃO (1880)

Eliane Telles de Bruim Vieira - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo
 José Raimundo Rodrigues - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

A CONSTITUIÇÃO DE UMA VERDADE SOBRE A EDUCAÇÃO DE SURDOS: UMA APROXIMAÇÃO AOS DOCUMENTOS DO CONGRESSO DE MILÃO (1880)

RESUMO:

Este texto é um recorte de uma pesquisa que tem como objetivo retomar as discussões sobre a história da educação de surdos por meio da releitura dos documentos dos congressos ocorridos no final do século XIX. O congresso de Milão (1880) permanece como monumento sobre o qual pesquisadores da educação de surdos podem sempre encontrar novas problematizações. A partir de uma leitura do *corpus* documental deste congresso, procuramos retomar como em Milão se deu a construção de uma verdade a ser implementada. Objetivamos problematizar como as bases religiosas e filosóficas da época, aliadas a outros elementos práticos, permitiram normatizar o melhor método para a educação de surdos. A aproximação ao conjunto de documentos referentes ao Congresso de Milão favorece discutir questões ainda hoje subjacentes em muitos debates acerca da educação de surdos e se apresenta como tarefa necessária, pois tal evento é, sem dúvida, o mais conhecido acerca da educação de surdos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de surdos; Congresso de Milão (1880); Método oral puro; Método misto.

Abre-te!

Rumando para o final do século XIX, nas catedrais europeias, o ritual católico do sacramento do batismo previa um gesto singular. Após se derramar a água benta sobre a criança, significando o seu nascimento como filho de Deus, o sacerdote tocava os ouvidos e os lábios do infante e pronunciava: "Efatá!". Inspirado na ação narrada pelos evangelhos de Jesus curando um *surdo-mudo* ^[1], a repetição do ato no sacramento apelava para a capacidade do novo cristão ouvir a boa nova e ser capaz de anunciá-la. "Abre-te!"

Mas após alguns poucos anos, muitas famílias se deparavam com o fato de terem filhos surdos. Como educar essas crianças? Como conduzi-las? No século XIX, as instituições europeias que se dedicavam à educação de surdos experimentavam práticas diversas e, num ímpeto de homogeneizar ações, professores de surdos organizavam congressos para se discutir o melhor método a ser utilizado. "Abre-te!" foi também o desejo do Congresso de Milão (1880), modificando os *surdos-mudos* em *surdos-falantes*.

Muitos trabalhos já discutiram Milão e focaram sobre as deliberações do evento. Partimos do pressuposto que em Milão a decisão pelo método oral puro foi prévia. Portanto, interessa-nos compreender como os participantes, já simpatizantes de tal método, utilizam daquele espaço para a configuração de sua verdade a ser proclamada de forma inquestionável. Ponderamos essa inquestionabilidade da decisão em função da prática social da época que, através de congressos, convocava interessados e estudiosos sobre um determinado tema e por meio de votação se apresentavam aquelas decisões como as que deveriam ser implantadas. No caso concreto de Milão, é importante perceber como a delegação enviada pela França tem interesse em saber da decisão dos congressistas, para validar futuras decisões dos Ministérios do Interior e da Instrução com o objetivo de impor uma verdade educacional. O relatório de Franck parece ter sido determinante ^[2].

Segundo Foucault, "as pessoas são mais livres do que pensam, que elas tomam por verdadeiros, por evidentes certos temas fabricados em um momento particular da história, e que essa pretensa evidência pode ser criticada e destruída" (FOUCAULT, 2014, p. 288). Seguindo esta mesma linha de pensamento, baseada na análise dos estudos foucaultianos, Paraíso (2012, p. 27), aborda que "a verdade é uma invenção, uma criação. Não existe a verdade, mas, sim, regimes de verdade, isto é, discursos que funcionam na sociedade como verdadeiros".

Neste contexto, por meio de uma análise do *corpus* documental, desejamos problematizar como nos documentos que nos permitem acessar o Congresso de Milão é possível se visualizar a constituição de uma verdade que teve profundo impacto na história da educação de surdos ao considerar como ideal e legítimo apenas o método oral puro.

O presente texto, além da introdução e das considerações finais, se divide em quatro partes: na primeira, trataremos dos aspectos históricos e metodológicos; na segunda, abordaremos a justificativa de um Congresso em Milão; na terceira, refletiremos sobre os conteúdos tratados e na quarta, as bases religiosa e filosófica que sustentaram a decisão maior do evento.

Milão: um monumento em vários documentos

O Congresso de Milão se deu entre os dias 06 e 11 de setembro de 1880 na cidade de Milão (Itália) com participação majoritária de professores franceses e italianos. Câmara (2018) afirma que "mais da metade dos participantes eram italianos e entre um terço e um quarto eram franceses. Os demais 15% eram compostos por ingleses, americanos, suecos

e suíços” (CÂMARA, 2018, p. 272). A exceção de dois surdos, estrategicamente convocados para o evento, todos os congressistas que propunham discutir o melhor método para a educação de surdos eram ouvintes.

As decisões do Congresso de Milão podem ser conhecidas por, ao menos, quatro documentos distintos. Apesar de terem elementos em comum, é inegável que somente uma leitura do conjunto desses documentos permite compreender a complexidade de Milão.

O documento mais popularizado no Brasil é a versão elaborada por Arthur Alfred Kinsey (1850-1888), responsável pela seção anglo saxônica do congresso. Sob o título “Atas do Congresso de Milão”, o relatório de Kinsey foi publicado na Série Histórica do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), em 2011. Já o texto oficial das atas, redigido pelo secretário italiano do congresso, professor Pasquale Fornari (1837-1920), ainda não traduzido para língua portuguesa, pode ser lido no original italiano ou na sua versão francesa.

Outros dois textos que retratam Milão retomam as ideias principais do evento, mas se tornam singulares por serem relatórios de enviados ao congresso. Adolphe Franck (1834-1926), de formação filosófica, fora enviado ao evento pelo Ministro do Interior da França. O relatório elaborado por Franck foi publicado no *Journal Officiel* nº 346 de 18 de dezembro de 1880. E, o quarto texto, de Ernest La Rochelle (1814-?) trata-se de um relatório para a família Pereire que na França trabalhava com o método oral. Trata-se de um relatório bastante conciso. Além destes, ainda temos relatórios elaborados por A. Houdin destinado ao presidente do Conselho de Instrução Pública e Belas Artes; o de Peyron publicado nos *Annales des maladies de l'oreille* e as notas oficiais em alemão publicadas por Treibel. Aqui nos deteremos sobre os quatro primeiros documentos que nos oferecem registros do vivenciado em Milão: Fornari; Kinsey; Franck e La Rochelle. Como o texto de Fornari é, desproporcionalmente, mais amplo, a ele nos remetemos com mais frequência.

Cada um dos documentos atende, de alguma maneira, aos interesses daquelas pessoas que participaram do Congresso citado. Assim, acreditamos que ao aproximarmos os quatro documentos, nos deparamos com o monumento Milão. Consideramos Milão como um monumento, pois como nos aponta Le Goff, por estes documentos podemos nos aproximar de homens e mulheres, de suas ideias e desejos, de suas realizações. Entendemos ser interessante para a construção deste empreendimento fazer uma análise monumental e documental das fontes. Partindo da definição de monumento e documento baseado nos escritos de Le Goff (2013, p. 485), é possível entender que o monumento é uma herança do passado, enquanto o documento é uma escolha do historiador.

Por que um Congresso em Milão?

Ao se refletir sobre o Congresso de Milão é preciso compreender a estratégia dos defensores do oralismo. No ano anterior, quando se realizou o Congresso Nacional de Lyon, evidenciou-se que o debate, já iniciado no Congresso de Paris 1878, acerca dos métodos poderia perder forças caso se permanecesse em território francês, pois ali amplamente se praticava o método misto que combinava a prática da articulação com o uso de sinais. Além disso, em França se tinha na figura de L'Épée um defensor do uso de sinais. A escolha por Milão tinha, portanto, objetivos bastante precisos.

Em Milão encontravam-se duas escolas oralistas: o Instituto Real e o Instituto dos Surdos-mudos Pobres de Campanha. O Instituto Real era mantido pelo Estado enquanto o outro era administrado pela diocese de Milão. Ao se sediar o congresso desejava-se que os participantes pudessem ver o funcionamento do “método oral puro”. Para tal foram reservados dois dias do evento para que os congressistas pudessem não só visitar, mas também acompanhar exames de alunos surdos-falantes educados nos institutos. Franck manifesta sua admiração ante as práticas das escolas de Milão:

Todas as ordens são dadas pela palavra, todas as perguntas são feitas à viva voz, e as primeiras são seguidas por uma execução, as segundas de uma resposta tão rápida como se elas chegassem uma e outra pelo ouvido para a inteligência. O ouvido é aqui substituído pelos olhos e a mímica externa pela mímica interna dos órgãos vocais, exercida, por força da paciência e de acordo com as regras experimentadas, para tornar o surdo-mudo em um falante surdo. O surdo-falante não ouve sua própria palavra mais do que a dos outros; mas a de outros ele lê em seus lábios. (FRANCK, 1880, p. 16-17 - tradução nossa)

Nas páginas iniciais do documento oficial organizado por Fornari são apresentados os conteúdos ensinados aos surdos dos institutos de Milão, permitindo-nos ver o quanto se preconizava o aprendizado da língua oral, com muitas referências às questões ligadas à pronúncia e articulação das palavras. Além disso, os conteúdos para cada grupo de alunos têm também temas religiosos a serem abordados, baseados em fatos bíblicos ou da história da Igreja Católica.

Apesar de o congresso se dar em Milão, depois dos italianos, a maior nação participante é a França, país em que as decisões terão maior impacto. Isso só foi possível porque a família Pereire, que havia instituído um colégio em França que trabalhava com o método oral, patrocinou a viagem de muitos professores franceses. Grande parte dessa comitiva francesa era composta pelos Irmãos de São Gabriel, administradores de um colégio que assumiria o método oralista.

Outro fato que nos ajuda a compreender a escolha da sede é que também em Milão aconteceram outros dois eventos que discutiram a surdez. Entre os dias 02 e 05 de setembro de 1880 ocorreu o Primeiro Congresso Internacional de Laringologia e entre os dias 06 e 09 de setembro, mesmos dias do Congresso de educação de surdos, ocorreu o Segundo Congresso Internacional de Otologia (BENVENUTO, 2010). Notamos que não se tratou de uma coincidência, mas sim de uma organização que favoreceu o encontro dos professores de surdos com personalidades que estudavam acerca da surdez e tinham também contribuições a apresentar sob a perspectiva dos métodos. Assim, por estes movimentos se validaria a decisão de Milão.

Os conteúdos de Milão: para além da oposição entre oralismo e língua de sinais

Notadamente os trabalhos que discutem sobre o Congresso de Milão abordam como nele se explicitou a polarização entre o *método oral puro* e o *método misto*. Essa oposição traduziu-se numa compreensão bastante difundida, posteriormente, da oposição entre oralismo e línguas de sinais. Acreditamos que essa questão já foi suficientemente refletida (ROCHA, 2010), contudo, há outros elementos presentes no *corpus* monumental do Congresso de Milão que nos auxiliam a compreender como para além da oposição entre métodos há espaços para outras discussões. O debate sobre os métodos toma a maior parte do tempo do congresso, fazendo, inclusive, com que se inverta a ordem do programa previsto em carta-convite do evento. Evidencia-se, portanto, que não havia apenas um método, mas métodos.

As críticas ao método oral são refutadas por diversos expositores, mostrando uma retórica que procura situar os congressistas na temática que já lhes é familiar, mas corroborando para elaborar argumentos em defesa de suas posições. De forma retórica, portanto, os congressistas, por vezes, elencam as acusações ao método oral puro e procuram fundamentar suas vantagens em relação ao método misto, elaborando um discurso que refuta as oposições e delinea o melhor a ser aceito por todos.

Foucault nos fala de procedimento de controle do discurso:

[...] eles podem ser externos, quando realizam a submissão da dimensão do discurso relativa ao poder e ao desejo, são eles: a palavra proibida, a separação entre normal e anormal e a vontade de verdade; podem ser internos, quando dizem respeito à sujeição do acontecimento e do acaso, tais quais: o autor, o comentário e a disciplina; e podem ser também o grupo de controle dos sujeitos que pronunciam o discurso, como os sistemas de restrição que são exercidos nos rituais da palavra, nas sociedades do discurso, nas doutrinas e mesmo no próprio sistema de ensino. (FOUCAULT, 2009b, 39-44)

As críticas ao método misto são uma constante. Elas surgem nos diversos discursos como maneira de se mostrar a necessidade e urgência de uma mudança metodológica.

Em meio a discursos que procuram justificar a opção pelo método oral, várias outras questões são perpassadas. Pode-se perceber que, durante todo o evento, houve grande influência da Sociedade de Formação de Professores para Surdos e Difusão do Sistema “Alemão”^[3], convidada para apresentar reflexões. Os propósitos oralistas deste grupo eram articulados da seguinte maneira:

Duas instituições eram ofertadas pela Sociedade de formação de professores: a) Instituto de formação - destinado à formação de professores, governantas e pessoas relacionadas com o surdo, admitindo somente estudantes do sexo feminino; b) Escola - destinada a alunos de pais instruídos. Embora se definisse como instituição não confessional, a escola vinculada à Sociedade de formação para professores de surdos seguia os princípios da Igreja na Inglaterra, associando à formação instruções morais e religiosas. O método utilizado na escola se baseava na articulação da leitura labial, da leitura e da escrita, sendo proibido o alfabeto manual e o uso de sinais. (xxx; VIEIRA-MACHADO, 2018, p. 64)

Os trabalhos apresentados tinham por objetivo convencer a todos da eficácia do método “alemão”. A sra. John Ackers abordou o “Desenvolvimento mental dos surdos com base no sistema ‘alemão’”, mostrando como a partir de sua perspectiva de mãe de uma criança surda e que visitou diversas instituições de educação de surdos, compreendia a relevância do método oral. Suzana Hull, professora de surdos, relatou “Minha experiência com diversos métodos educacionais para crianças surdas de nascença” evidenciando sua opção por abandonar o método misto, com o qual trabalhou por muitos anos, por considerar que o método oral era mais eficaz e permitia a socialização dos surdos (KINSEY, 1880).

Kinsey discorreu sobre “A educação de surdos” como objeto de suas observações, procurando responder às questões do congresso. Já J. Ackers refletiu sobre “Os surdos e os benefícios do sistema ‘alemão’ na vida posterior”, afirmando o quanto este método asseguraria um futuro mais digno para os surdos. E. Symes-Thompson discorreu sobre “A saúde dos surdos-mudos”, evidenciando a proximidade entre medicina e educação de surdos, bem como sua perspectiva eugenista quando afirma que a natureza deficiente do surdo poderia ser corrigida e com isso se emanciparia este sujeito. David Buxton discorreu sobre “Fala e leitura labial para surdos: testemunho de um professor sobre o sistema ‘alemão’”. O tom mais testemunhal desta última reflexão condizia com a construção de uma verdade que deveria ser aceita porque já se teriam evidentes resultados (KINSEY, 1880).

Estes textos dos difusores do *método oral puro ‘alemão’* foram compilados nos anexos do relatório elaborado por Kinsey. Os mesmos aparecem no documento de Fornari, todavia, na sequência das discussões das sessões do congresso, o que permite sua melhor compreensão no contexto em que foram lidos - com exceção dos textos de Ackers e Buxton que estão nos apêndices.

Os aspectos pedagógicos ficam muito evidentes nos registros do congresso. Se a decisão do congresso teria ressonâncias mundiais, era necessário ter clareza do que se praticaria, posto que nas críticas ao método oral se recordava que muitos fizeram adaptações prejudiciais. O método estava previamente escolhido, mas se fazia premente esmiuçá-lo metodologicamente. Se visibiliza aí como certa cientificidade é aplicada à compreensão do método.

No documento elaborado por Fornari pode-se ler uma breve carta enviada por Felice Carbonera, surdo-falante defensor do método oral. Carbonera recorda ser o primeiro surdo educado pelo método articulado em Milão, por volta do ano de 1847. Insiste sobre os benefícios que sente ter recebido graças à oralização, fala da eficácia das poucas lições recebidas e conclama:

Portanto, desejoso que todos os meus irmãos da desventura possam aproveitar a mesma vantagem, espero que todos os notórios senhores instrutores de surdos e mudos assiduamente envolvidos em tal instrução de linguagem articulada e por todo o curso de estudos nunca esqueçam de corrigir e melhorar a palavra de seus alunos, para que possam alcançar o desejado conforto moral e social. (FORNARI, 1880, p. 411 - tradução nossa)

A leitura da carta de Carbonera manifesta como também entre os surdos havia defensores do método articulado e como se dispunham a propagar suas vantagens. Parece-nos mais um elemento na constituição de uma verdade, pois a partir do relato de um surdo pode-se impor a outros da mesma condição a eficácia com que o “irmão de infortúnio” fora salvo do alijamento social.

Fornari também apresenta nos apêndices do seu documento outros estudos e memórias que foram apresentados no congresso. O texto de J. Ackers procura responder de forma organizada e metódica a primeira questão que fora proposta aos congressistas sobre os métodos. Brambilla, professor do Instituto de Milão, reflete sobre “A educação do surdo por meio da palavra”, reforçando os aspectos pedagógicos a serem observados na prática do método oral. David Buxton procura responder em seu texto às diversas questões do congresso. Na mesma perspectiva, encontra-se o texto enviado por Dionisio Cozzolino. Ciente das eventuais dificuldades a serem enfrentadas na implementação do método oral, Cozzolino conclui sua reflexão da seguinte maneira:

A primeira questão especial é que os surdos-mudos treinados com o método de articulação esquecerão facilmente, após deixar a escola, a maior parte do conhecimento adquirido; pois a linguagem natural dos surdos-mudos é a dos gestos, e a escrita como forma racional de pensamento apresenta aos surdos-mudos com menos dificuldade do que a linguagem articulada. Em conversação com os oradores, eles preferiram a linguagem mimética e a linguagem escrita. De tudo isso, temos de reprovar os mestres, que, na medida em que os surdos-mudos aprenderam a palavra falada, não restringiram o uso da mímica. Assim, para remediar esses defeitos, o mestre terá que usar apenas a articulação, proibindo estritamente o mimetismo, continuamente acostumando os alunos à linguagem oral, até que eles se esqueçam da linguagem mímica, e que o hábito seja convertido em natureza. (FORNARI, 1880, p. 414 - tradução nossa)

Evidencia-se na conclusão de Cozzolino que é próprio do surdo utilizar o gesto, contudo os professores deveriam se esforçar para que acontecesse certa conversão do surdo, abandonando o que lhe era peculiar para assumir uma nova linguagem.

O texto enviado por Haerne aborda o “Ensino de surdos-mudos depois do método combinado de articulação e mímica”. Sua reflexão ajuda-nos a compreender um histórico de opções, também dadas em eventos nacionais ou internacionais, favoráveis ao método combinado. Apesar de reconhecer o valor dos sinais na vida do surdo, sugere a relevância do método oral:

Em geral, é a utilidade da articulação que é mais difícil de fazer os alunos entenderem. Mas, para ter sucesso nisso, é

necessário insistir nessa verdade incontestável, de que é apenas através da fala articulada que realmente se pertence à sociedade e que sem ela se considera um estranho no próprio país. Devemos mostrar que, sem negligenciar os sinais, que são a linguagem natural dos surdos-mudos, eles devem cultivar com zelo a articulação, que é para eles, como para os outros cidadãos, a língua nacional e os meios comunicação mais valiosa que eles devem cultivar constantemente, de modo a não perder seu uso por negligência ou esquecimento, como é frequentemente visto. (FORNARI, 1880, p. 424 - tradução nossa)

Émile Grosselin, promotor do *método fononímico*, em sua comunicação sobre a questão dos métodos defende sua proposta numa possível conciliação que visa aos surdos falarem. Hirsch, diretor da Instituição de surdos-mudos de Rotterdam, no texto enviado ao congresso, aborda diversas questões: indica as vantagens do método oral em relação ao de sinais; explica o que é o *método oral puro* e sua distinção em relação ao *método misto*; a separação entre sinais metódicos e naturais; os meios naturais para os surdos conhecerem a língua; o avanço dos surdos ensinados pela articulação em relação a outros, a organização de turmas de surdos nos institutos.

Auguste Houdin, diretor do Instituto de Surdos de Paris-Passy, discute as principais questões do congresso. Algumas questões sobre métodos são analisadas por Rossler, diretor do Instituto de Surdos de Hildesheim. Ainda sobre as questões do programa do congresso, temos o texto enviado por Dr. Treibel, diretor de uma instituição em Berlim, e o texto de Léon Vaisse, diretor honorário do Instituto Nacional de Paris que defendem o método oral puro.

Nos apêndices propostos por Fornari podemos ler na íntegra o texto de Magnat, diretor do Instituto Pereire em França. Havia, sem dúvida, uma decisão prévia em favor do método oral, todavia, o exercício de criticar o método misto parece ter por finalidade fundamentar a nova verdade. Para isso, até mesmo a figura de L'Épée, classicamente associada à defesa do uso de sinais é também incorporada como um reconhecedor da necessidade da oralização. Agindo assim, os congressistas arremetiam para o método oral a figura imponente do defensor dos surdos. Após apresentar um quadro comparativo entre o que era ensinado pelo método de sinais no Instituto Nacional de Paris e o ensinado pelo método oral no Instituto Pereire, realçando a desproporcionalidade da superioridade do método oral, Magnat retoma uma frase de L'Épée e a utiliza em favor da oralização:

"O único meio de devolver totalmente o surdo-mudo à sociedade é por meio do aprendizado da escuta por meio dos olhos e a se exprimir de viva voz", disse o abade L'Épée. E com efeito, a fala não é a linguagem de todos, tanto do sábio quanto do ignorante, tanto do mestre quanto do trabalhador, tanto do rico quanto do pobre? (FORNARI, 1880, p. 495 - tradução nossa).

Vozes dissonantes também estavam presentes em Milão como se pode ler na resposta de Edward Gallaudet a uma das questões do congresso, pronunciando-se a favor do "método combinado". Em seu texto "Sobre o ensinamento secundário e superior dos surdos-mudos", Gallaudet mostra como nos Estados Unidos houve um avanço ao se ofertar cursos de nível secundário e superior para os surdos e como tal tarefa permanecia ainda a ser realizada na Europa:

Pois, mais que os outros, [os surdos] precisam recorrer aos tesouros do conhecimento, a fim de compensar a privação dos dois vínculos que mais estreitamente ligam o ser interior à natureza, e também, a fim de lhes trazer consolação sem número que não podem deixar de experimentar no íntimo intercâmbio das obras-primas da mente humana. (FORNARI, 1880, p. 435 - tradução nossa)

Concluimos que, para além da oposição entre sinais e oralização, há nos documentos uma série de outras temáticas a ela relacionada que ainda carecem de estudos mais aprofundados.

As bases para um pensamento dominante

Não temos a pretensão de esgotar todos os elementos que sustentaram a constituição da verdade de Milão (1880), mas queremos evidenciar aqueles que mais foram apresentados nas falas dos participantes do congresso. Numa Europa marcadamente católica e que ainda procurava mostrar-se potente diante das investidas protestantes, o Congresso de Milão é também expressão de uma fundamentação religiosa *versus* o advento da perspectiva científica darwinista^[4]. Grande parte dos congressistas era composta por religiosos católicos. Desde a abertura do evento, perpassando diversas exposições e debates, recorre-se aos textos bíblicos para se fundamentar a argumentação em defesa do uso da palavra.

Na tradição judaico-cristã a palavra é expressão da força divina capaz de criar e ordenar todas as coisas. No relato bíblico, o Criador faz uso da palavra para dar vida às coisas. Lê-se na semana da criação uma série de ações em que Deus diz: "Faça-se...!" Se constituído à imagem e semelhança do Criador, como poderia o humano não falar? A palavra é tida como expressão de um dom divino.

Dr. Zucchi, presidente do conselho diretivo do Instituto Real dos Surdos-mudos de Milão, representante do Ministro da Instrução Pública e da Associação Pedagógica de Milão, o afirma nos seguintes termos: "a palavra viva, que é o privilégio do homem, o veículo único e seguro do pensamento, o dom de Deus, do qual pudemos dizer com verdade: 'Luz da alma é a palavra e a alma é na terra a luz do pensamento divino'" (FORNARI, 1880, p. 95 - tradução nossa).

Na sequência do mito da criação, o capítulo 2 de Gênesis nos fala de como Deus convida Adão, o primeiro humano, a colaborar na obra da criação. Este argumento usado por um dos congressistas parece indicar a impossibilidade de se atingir a plena humanidade sem o uso da fala. É, pois, o ato de falar que permite ao humano distinguir-se daqueles a que ele nomeia. Balestra, sacerdote diretor do Instituto de Surdos-mudos de Como (Itália) faz de tal argumento bíblico uma prerrogativa de veracidade para o método oral puro:

Todos vocês falaram admiravelmente; mas eu quero sanar uma lacuna. Primeiro: método objetivo. Deus, depois de criar o homem, deu-lhe a palavra e Adão deu um nome a todos os animais; foi, portanto, o próprio Deus que nos forneceu o método oral objetivo. (FORNARI, 1880, p. 261 - tradução nossa)

Como se tratou de um evento com grande participação de representantes católicos, há também na argumentação certo apelo ao carisma missionário. Recorre-se ao texto bíblico em que Jesus envia seus discípulos para então sugerir a necessidade de que o surdo fale e possa, portanto, comunicar a boa nova recebida. O "efatá!" missionário se constitui como elemento que corrobora para a escolha do método em função de uma possível confissão:

Somos todos filhos do mesmo Cristo, que nos deu o exemplo: "fez aos mudos falarem", e o ministro de Cristo deve abrir a boca para o mudo. As escrituras também dizem: "Ide e ensinai", este é o nosso programa. Nós também somos surdos-mudos no meio da sociedade que não nos entende; e é doloroso saber que existem alguns confrades que não nos entendem. Acrescentarei que é necessário para um padre católico que os mudos saibam falar, por causa do que confessamos, e que no campo o sacerdote entenderá todo o contrário que o pobre surdo-mudo lhe dirá por sinais. Por favor: Vote na palavra, sempre na palavra. (FORNARI, 1880, p. 154 - tradução nossa)

Junte-se à base bíblica uma certa fundamentação filosófica. A maior crítica feita ao método misto, sob esta perspectiva, é

que os sinais impedem aos surdos de fazerem uso da abstração. Ao longo dos discursos se exemplifica que o surdo-falante, diferente daquele educado pelo método misto, será capaz de compreender conceitos metafísicos como existência, divindade, etc. Pensar seria típico do humano, mas algo a que o surdo somente iria alcançar caso conseguisse falar. Bouchet, capelão dos surdos em Morbihan (França) refere-se a isso: “A fala, de fato, é o veículo natural do pensamento; a palavra criou a ideia em todas as coisas do universo. Toda ideia, todo sentimento, se expressa pela fala. Viva a palavra!” (FORNARI, 1880, p. 147 – tradução nossa). Tarra afirma que:

O surdo-mudo, porque ele é um ser inteligente, tem o pressentimento, eu ia quase dizer a necessidade da ideia. Mas qual é a ideia? A ideia é o conhecimento intelectual do ser; existe, portanto, apenas sob a condição de estar completo. A ideia não é o conhecimento de uma parte do ser em detrimento das outras partes, mas a posse intelectual, se assim posso dizer, de todo o ser; substância, forma, elementos. Toda ideia que não abraça a plenitude do ser é apenas uma ideia mutilada, enfim, uma ideia falsa, a inteligência que a concebe e a carrega, sofre; sofre porque espera e deseja algo de que necessita, e que será como seu complemento necessário. [...] Agora pergunto-lhes, qual é a expressão, palavra ou sinal, que dá à inteligência humana as mais completas e, conseqüentemente, as mais verdadeiras ideias? Eu não hesito em responder, senhores: obviamente é a palavra. Por quê? Porque a palavra que não tem forma material, não tem limites; é tão vasta quanto a ideia, e a abraça inteiramente; ela revela todos os seus elementos de uma só vez. (FORNARI, 1880, p. 239-240 – tradução nossa)

É necessário distinguir o humano dos animais e isso é feito pelo uso da palavra. Importante notar como, ao fazer certo movimento que insiste no uso da palavra, se confirma uma distinção darwinista sobre evolução, mas ao mesmo tempo se assume a postura do naturalista britânico de que as expressões faciais e gestos estariam numa cadeia evolutiva. Por isso também o uso dos gestos era visto como tão ameaçador, pois poderia corromper a humanidade evoluída. Arnold, representante da Inglaterra o explicita nos seguintes termos:

Repito: não foi encontrado nenhum símbolo de pensamento que possa ser comparado a sons articulados. Ouvimos ou sentimos os sons, mas nunca podemos transformá-los em imagens materiais. Eles não ocupam lugar no espaço. E esta é a razão pela qual eles foram escolhidos por natureza ou pelo Criador onisciente para o tempo em que nos tornamos capazes de pensar e como resultado de falar. Os signos são representações ideográficas, símbolos ou hieróglifos derivados da forma, cor ou magnitude das coisas visíveis que eles afirmam fornecer na ausência deles. Em cada um há um objeto mental ou uma ideia sugerida pela coisa da qual é o signo. (FORNARI, 1880, p. 141-142 - tradução nossa)

A ideia de caridade está também presente nas argumentações. Os debates assinalam que se estará fazendo um grande bem aos surdos ao se ensinar-lhes a falar. Bem que não se realiza plenamente quando se utilizam dos sinais. Em nome de uma futura autonomia e participação social, procura-se incentivar os participantes a que a decisão pelo uso da palavra é aquela mais condizente com o propósito do evento: “melhoramento da sorte dos surdos”.

A expressão comemorativa “*Viva la parola*” (“Viva a palavra”), presente em diversos momentos do texto evoca o sentimento de contentamento por parte dos oralistas ao decidirem pelo uso do método oral. No relatório de La Rochelle, mais conciso e organizado em torno das deliberações, há um conjunto de expressões similares que expressam o sentimento de triunfo por parte dos oralistas: “vitória que está se preparando”; “Seu triunfo é afirmado”; “Esta resolução foi votada com entusiasmo”; “A bandeira da palavra”; “Desaparece, simulacro vaidoso! O verdadeiro Deus se tornou conhecido”; “O mal é o silêncio”; “Vitória” (ROCHELLE, 1880)[5].

Considerações finais

Milão ainda tem muitos elementos a nos provocar. Acreditamos que neste congresso de 1880 se operou a constituição de uma verdade por parte de um determinado grupo. Os meios utilizados para isso transitam da argumentação fundamentada em textos tidos como sagrados como numa pretensão científica ligada à questão metodológica. E ainda recebendo apoio financeiro para que se pudesse instaurar depois do evento uma prática condizente com a verdade escolhida.

O *corpus* documental sobre o qual nos debruçamos permite compreender o quanto o evento se deu em meio à complexidade de se elaborar uma dada verdade. As falas dos participantes apontam para pontos de encontro, mas também para dissonâncias, ou seja, mesmo entre aqueles que já consideravam a questão da articulação como o método ideal para se educar os surdos, havia questões a serem resolvidas. Desta maneira, podemos considerar que as discussões de Milão mostram como se pode “afinar” uma orquestra com práticas até então variadas.

Apesar de não termos nos detido nas deliberações do evento - bastante conhecidas por aqueles que estudam a história da educação de surdos -; a escolha do método oral como melhor método teve impactos futuros que não são de fácil verificação no *corpus* analisado. Houve sim uma decisão a favor da oralização; mas ela se concretizou imediatamente nos diversos institutos ao redor do mundo? Como Milão foi recebido por aqueles que não estavam representados no congresso? A opção pelo método oral em Milão pode realmente ser tida como um “extermínio” do uso de sinais? Em relação à esta última problematização, parece-nos que não. Uma análise de documentos de outros congressos do final do século XIX aponta-nos para isso (XXXXX, 2018).

Essa aproximação que fizemos aos textos de Milão deixa entreaberta uma série de questões que exigem aprofundamento. Como ler um documento do século XIX e interpretá-lo para permitir que ele diga algo ao nosso presente? Considerando que algumas abordagens da história da educação de surdos veem em Milão um prenúncio do antagonismo entre surdos e ouvintes em função do antagonismo lá explicitado entre os métodos, como se aproximar deste documento e colher as outras riquezas que nele se nos apresentam?

“Abre-te!” Parece-nos condizente com a construção de uma verdade para operar sobre as pessoas de modo a fazê-las também dizer aquilo que foi de modo incontestavelmente aceito. O “abre-te” cristão direcionado aos surdos via oralização pode ter significado uma série de cerceamentos, mas também uma abertura para outras práticas que escapavam ao governo imposto. Paradoxalmente, talvez em Milão, ao se preconizar o ideal da oralização se abram horizontes para um rompimento da assistência destinada aos surdos e um incipiente movimento para a emancipação daqueles que passarão a ser compreendidos como sujeitos a serem educados. Milão encontra-se aberto aos nossos olhares problematizadores ou melhor, encontra-se a nos pedir: “Abra-me!”

Referências

BENVENUTO, Andrea. L'autre Milan 1880: le congrès international d'otologistes et l'instruction physiologique. **La nouvelle revue de l'adaptation et de la scolarisation**, Paris, n. 49, jan.fev.mar. 2010

CÂMARA, L. C. **A invenção da educação dos surdos: escolarização e governo dos surdos na França de meados do século XVIII a meados do século XIX**. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Programa de Pós-graduação em Educação, Campinas, 2018.

ENCREVÉ, Florence. **Sourds et société française au XIXe siècle**. Thèse (Doctorat d'histoire). École doctorale "Pratiques et théories du sens". 595 f. Université Paris. Saint-Denis, 2008.

FORNARI, P. **Compte-rendu du Congrès International pour l'amélioration du sort des sourds-muets tenu à Milan du 6 au 11 septembre 1880**. Rome: Héritiers Botta, 1881.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 36ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009a.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009b.

_____. **A Coragem da Verdade**: O governo de si e dos outros II. Curso no Collège de France (1983 -1984). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014

FRANCK, A. **Rapport au Ministère de l'Inérieus et des Cultes sur le Congrès de Milan**. Fac-símile organizada pela Edition du Fox, domínio público disponível para download em: <http://www.2-as.org/editions-du-fox/>. Acesso em: mar. 2019.

LA ROCHELLE, E. **Le Congrès de Milan pour l'amélioration du sort des sourds-muets**. Rapport adressé à M. Eugène Pereire - Président du Comité d'organization. Paris: M. Saint-Jorre, 1880. Paris: s.e., 1880. Fac-símile organizada pela Edition du Fox, domínio público disponível para download em: <http://www.2-as.org/editions-du-fox/>. Acesso em: mar. 2019.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. (Repertórios)

KINSEY, A. A. **Relatório das leituras apresentadas durante o Congresso Internacional de educação para surdos**. Realizado em Milão de 6 a 11 de setembro de 1880. Extraído das minutas oficiais em inglês. Londres: Allen & Co., 1880.

MILÃO, **Atas do congresso de** - 1880. Rio de Janeiro: INES, 2011. (Histórica, 2)

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação e Currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs.); **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 23-45.

RENARD, M. **Les Congrès Internationaux pour les ou des sourds-muets au XIX^e Siècle**. Essarts-le-Roi: Editions du Fox, 2015.

ROCHA, Solange M. da. **Memória e história**: a indagação de Esmeralda. Petrópolis: Arara Azul, 2010. (Caderno Acadêmico; 1)

XXXXX; VIEIRA-MACHADO, L. M. da C. A participação da Sociedade de Formação de Professores para Surdos e Difusão do Sistema "Alemão" no Congresso de Milão (1880). In: VIEIRA-MACHADO, L. M. da C.; BARBOZA, F. V.; MARTINS, V. R. O. **Pesquisas em educação de surdos, tradução, interpretação e linguística de línguas de sinais**: tecendo redes de amizade e problematizando as questões do nosso tempo. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2018.

XXXXX. **As seções de surdos e de ouvintes no Congresso de Paris (1900)**: problematizações sobre o pastorado e a biopolítica na educação de surdos. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo - Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória, 2018.

[1] Ao longo do texto conservamos a expressão "surdo-mudo" que era utilizada no final do século XIX para se referir aos surdos.

[2] Renard, na apresentação de uma nova publicação do texto de Franck, menciona que o professor fora vítima, como os demais congressistas, de uma encenação. Franck não teria percebido que os italianos apresentaram apenas pessoas com algum problema auditivo, mas que sabiam falar ou pessoas que ficaram surdas já depois de certa idade, portanto, pessoas que falavam fluentemente. (FRANCK, 1880).

[3] Ao longo do texto de Fornari percebe-se que a nomenclatura dada ao método oralista é criticada. Os da "Sociedade de Difusão" o compreendem como "sistema alemão" em referência ao método atribuído a Heinicke em que não se permite o uso de sinais e popularizou-se como "método alemão". Os oralistas franceses, presentes no congresso, não gostam do termo "método francês" para se referir ao uso dos sinais e recordam que a articulação também fora utilizada por Valade-Gabel em Paris. "Sistema alemão", "método alemão", "método oral puro" acabam tendo o mesmo significado de indicar o método que ensinaria os surdos a falarem sem o auxílio do uso de sinais.

[4] O naturalista britânico impacta o século XIX com sua compreensão de evolução em "A origem das espécies" (1859); de possível descendência humana a partir de formas inferiores em "A descendência do homem e seleção em relação a sexo" (1871); das emoções em "A expressão da emoção em homens e animais" (1872). Darwin propunha que algumas expressões humanas só poderiam ser explicadas "com a crença de que o homem existiu um dia numa forma mais inferior e animalesca" (DARWIN, 2000, p. 22). Tendo descendência comum com alguns macacos, o homem pelo uso ou desuso de alguns movimentos foi também delineando sua forma de se expressar. Na perspectiva de Darwin, serão o uso e o desuso os determinantes para que uma dada característica evolua ou desapareça ou deixe alguma lembrança (XXXX, 2018).

[5][5] Tradução nossa.